ENTREVISTA COM GRADO GIOVANNI MERLO[1]

...E a vela jamais pára, mas se move como a memória.
No balaustre também a aranha borda o quadro de sua história.
A teia dos meus pensamentos pega tudo o que chega;
muitas vezes, porém,
há muitos buracos e deve ser remendada toda.
(Davide Bernasconi)

É com esses versos de Bernasconi, nome secular do artista Davide Van De Sfroos, que Grado Giovanni Merlo termina o seu ***Em nome de São Francisco: história dos Frades Menores e do franciscanismo até inícios do século XVI***, publicado no Brasil em 2005 pela Editora Vozes. Um dos primeiros contatos dos brasileiros com a obra desse historiador italiano, o livro tornou-se leitura obrigatória para quem estuda o franciscanismo e temas correlatos. Nosso interesse em conhecer o Prof. Merlo iniciou-se com a leitura desse texto, como parte das discussões empreendidas no decorrer do projeto de pesquisa: "*A construção da Imagem dos Santos: hagiografia mendicante do século XIII e começo do XIV*", cujo desenvolvimento nos deu oportunidade de ampliar nossos horizontes de discussão, introduzindo os trabalhos brasileiros no panorama mundial da pesquisa com o tema Franciscanismo. Assim, nesta entrevista, que ora apresentamos, tomamos contato com uma personalidade singular, que se nos apresenta, sobretudo, como um historiador, ocupado com o seu ofício e com as demandas teórico-metodológicas que o mesmo lhe impõe.

Grado G. Merlo é professor de História do Cristianismo na Universidade de Milão e nesta universidade dirige o Departamento di Studi Storici. É presidente da *Societá Internazionale di Studi Francescani*, sediada em Assis, desde 1994. Internacionalmente conhecido, tem várias publicações sobre História, Igreja e Franciscanismo, muitas delas traduzidas para outras línguas. É, sobretudo, um pensador, cuja preocupação com a história – e com a memória que esta produz – o fez ocupar-se da busca pelas lacunas, pelas dúvidas e enigmas que o levam ao passado, tal como uma aranha em busca da teia perfeita, desejando encontrar não a verdade absoluta, mas aquela produzida por homens e mulheres em seu tempo e lugar.

[1] Esta entrevista é parte das atividades propostas pelo projeto de pesquisa "A construção da imagem dos santos: a hagiografia mendicante do século XIII e começo do XIV", coordenado pela Professora Teresinha M. Duarte e desenvolvido na Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão, do qual participamos como pesquisadoras convidadas. A entrevista também foi pensada como parte das comemorações dos 65 anos de Grado G. Merlo e agradecemos a intervenção de Marina Benedetti na realização da mesma.

OPSIS: *O que levou o senhor a se tornar historiador e particularmente a interessar-se por história religiosa*?
Grado Giovani Merlo: A questão me deixa um pouco embaraçado, porque não amo falar sobre mim mesmo. De qualquer forma, eu diria, tornei-me docente universitário por circunstâncias felizes que me levaram a ser, mais que um historiador, um estudioso do passado, um artesão da pesquisa documentária: o que poderia representar um modo sutil para "defender-me" da dureza do presente e da incerteza do futuro... Os interesses por história religiosa dependem também de tantos fatores, contingentes ou não: a cidade no extremo Ocidente da Itália, em que nasci, que fica no vértice dos Vales Piemonteses, chamados Valdesi, onde há uma secular presença de não conformismo religioso minoritário; a minha simpatia por quantos buscaram e buscam dar um sentido à própria existência e de defender a própria dignidade de seres humanos, até a estarem dispostos a colocar em jogo a própria vida, sejam eles cristãos ou não; a curiosidade intelectual pelo mistério das existências de homens e mulheres; o prazer de trabalhar com documentos e fontes, de dia, nos arquivos e nas bibliotecas; e, de noite, no meu estúdio; o cheiro do papel e dos papeis e dos livros antigos e modernos.

OPSIS: *Quais foram as mais importantes influências intelectuais no seu trabalho?*
Grado Giovani Merlo: Primeiramente, a cultura clássica, grega e romana, e as obras dos escritores e dos artistas: particularmente os italianos estudados nas escolas secundárias e através de leituras pessoais, ditadas pela vontade de conhecer e de ligar-me a uma tradição cultural que eu fazia (e faço) coincidir com a cultura *tout court*. Eu gostava de freqüentar a biblioteca da minha pequena cidade e descobrir grandes autores e textos, ainda que não deixasse de jogar bola (claro, não jogava tão bem quanto um brasileiro!). Depois, em 1964, eu me inscrevi no curso de graduação em Letras Clássicas da Universidade de Torino: e ali descobri novos horizontes, na pessoa de docentes/intelectuais de valor absoluto, como o italianista Giovanni Getto, o filósofo Luigi Pareyson, o historiador modernista Franco Venturi e, enfim, o medievalista Giovanni Tabacco. Todavia, a minha formação sempre oscilou entre o que eu apreendia dos ensinamentos de autênticos Mestres e o que, pouco a pouco, eu descobria pessoalmente, passando diversas horas nas bibliotecas universitárias e percorrendo a multiplicidade de ensaios e de estudos encontrados nas revistas de história, literatura, sociologia, filosofia, antropologia. Desde jovem eu li muito, tanto que as lembranças mais vivas em mim são relativas aos poetas (que eu continuo a ler até hoje): sempre me envolveram muito Dante Alighieri e Giacomo Leopardi. Especificamente sobre o meu trabalho de estudioso de história também tiveram grande influência as obras de Marc Bloch, Georges Duby e de Kurt-Victor Selge, além daquelas, entre os historiadores italianos, de Elio Conti, Ovidio Capitani e

de Giovanni Miccoli. Dediquei uma atenção especial ao pensamento "inusitado" de Gustavo Vinay, estudioso de literatura latina medieval e crítico desenvolto de qualquer conformismo intelectual. Hoje, continuam a agir em mim, de qualquer forma, influências culturais de personalidades alheias à pesquisa histórica, medievalista ou não, como, entre outros, o escritor russo Mikhail Bulgakov, o escritor italiano Francesco Biamonti, o escritor ítalo-francês Jean-Claude Izzo, o filósofo Elio Franzini. Também ouvi e ouço com atenção as "poesias na música" de compositores italianos e estrangeiros. Interiorizei as obras de Lucio Fontana e de Alberto Burri.

***OPSIS**: Como nasceu o seu interesse por Francisco de Assis e pelo franciscanismo*?
Grado Giovani Merlo: Tudo nasce no início dos anos oitenta, do século XX, quando me fora pedido que fizesse uma pesquisa sobre as relações entre Francisco de Assis e os "heréticos" do seu tempo. No começo foi uma aproximação pelo exterior, e então eu me pus a "girar em volta" daquela figura extraordinária de homem do Evangelho. O desenvolvimento da pesquisa foi longo e difícil, tendo diante de mim o obstáculo enganador de estereótipos muito robustos - pense-se à risível expressão que quer Francisco de Assis como <<o mais santo dos italianos, o mais italiano dos santos>> - e de outros não menos sólidos interesses ideológico-religiosos (por exemplo, a proclamação de São Francisco como patrono da Itália em 1939!): estereótipos e interesses que eu tive de desmontar e submeter à crítica ferrenha. Pouco a pouco adquiri conhecimentos e consciência que me consentiram dizer "algo de novo" sobre Francisco e sobre os Frades Menores. A aquisição mais importante e recente parece ser aquela acerca da "diversidade religiosa na continuidade institucional" entre o franciscanismo de frade Francisco de Assis e o minoritismo dos Frades Menores: um de caráter subordinativo, o outro de caráter dominativo. O primeiro, frade Francisco, não queria agir e intervir até que os outros não se tornassem "cristãos melhores", entregando-se completamente à vontade divina; os segundos, os Frades Menores, pelo contrário, operavam ativamente na sociedade mediante uma ação pastoral que implicava em escolhas e tomadas de posições sociais e políticas. Disso deriva uma enorme diversidade – entre franciscanismo e minoritismo – de colocação no plano soteriológico, ou seja, na relação com a "história da salvação" e com o testemunho cristão: produziram-se metamorfoses impressionantes. O indefeso << "girino" (frade Francisco)>> se transforma na agressiva e nem sempre agradável << "rã" (Ordem dos Frades Menores)>>.

***OPSIS**: O seu livro **Em nome de São Francisco. História dos Frades Menores e do franciscanismo até inícios do século XVI** (Ed. Vozes, 2005) foi traduzido em várias línguas, inclusive o português, e é, sem dúvida, um ponto de referência obrigatória para quem se ocupa de franciscanismo. Como foi a experiência de pesquisa e de elaboração do livro*?

Grado Giovani Merlo: A pesquisa e a elaboração foram longas e fatigantes. A minha intenção era oferecer a *qualquer* leitor – e não só aos especialistas – uma obra que informasse e, ao mesmo tempo, obrigasse a pensar: sem encontrar soluções fáceis e atalhos para problemas complexos e difíceis, sem cair em uma discussão justificativa e consoladora, ou pior, apologética. Estou convencido de que o passado não possa ser reduzido ou submetido a esquemas simplificadores, nem a racionalizações *a posteriori* e a instrumentalizações atualizadoras. No trabalho do estudioso de história é necessário tanto o distanciamento quanto o respeito e a empatia em relação ao objeto e aos temas que estão sendo analisados. Na escrita, então, não se deve abandonar ao fascínio enganador da narração, quase come se se tratasse de compor um romance "histórico". O passado não é um romance, mas um problema, um enigma. O estudioso de história não é nem mesmo um cronista, que à distância reconta uma sucessão mais ou menos aproximada e ocasional de episódios. O estudioso de história cumpre uma operação intelectual muito articulada e laboriosa para *conhecer* e *dar a conhecer* o que a documentação sobrevivida permite *saber* sobre o passado: na tensão em direção à *verdade*: na plena consciência que ela nunca será alcançada, ainda que sempre e obstinadamente buscada. Antes de tudo, o estudioso de história deve fazer-se perguntas: e as perguntas devem ser *certas*, porque as *perguntas certas* já contêm parte das respostas possíveis em vista da verdade. Enfrentar o caso de frade Francisco de Assis e da Ordem dos Frades Menores (ao longo de cerca de três séculos) obrigou-me a uma contínua e assídua reflexão sobre as direções de pesquisa que eu estava tomando aos poucos. Evitei, de maneira decisiva, seguir percursos predeterminados, dados como certos, acríticos. Demorei-me de maneira atenta sobre as palavras e sobre os conceitos a serem utilizados.

***OPSIS**: Professor, o senhor poderia nos falar sobre a produção do conhecimento histórico a partir da hagiografia como, por exemplo, das Legendas e das Vidas de São Francisco de Assis*?

Grado Giovani Merlo: A pergunta é central para enfrentar qualquer análise do caso de frade Francisco. O ponto de partida pareceria ser o dado que as fontes hagiográficas "franciscanas" foram escritas após a canonização pontifícia de frade Francisco: referem-se a um *santo*. Elas não têm um caráter dedutivo, mas indutivo: quer dizer que elas confirmam e contam uma *santidade*, não trazendo provas *factuais* dela. A santidade canonizada não devia

ser demonstrada: devia ser descrita segundo seus próprios caracteres, vez que o papado tinha estabelecido que um homem ou uma mulher tivesse que ser considerada santo ou santa. Então, a concretude da experiência "vivida", religiosa e humana, de frade Francisco sofre uma transfiguração através da escrita literária. Nas Legendas e nas Vidas os *episódios* que tem São Francisco no centro são narrações de *alguma coisa* que daquela experiência "vivida", religiosa e humana, se distanciam para serem projetadas no *céu da santidade*. Assim, hagiograficamente, Francisco é sempre menos *homem* e sempre mais *santo*: isto é, torna-se um modelo, um arquétipo, uma abstração fascinante, um personagem edênico. Todavia, as fontes hagiográficas – dada a sua particular natureza em referência a São Francisco, cuja lembrança sempre está no centro dos contrastes operantes no interior da Ordem dos Frades Menores – podem transmitir conteúdos *factuais*, ainda que sejam de modo fragmentário e, às vezes, de maneira simbólica: os *comportamentos* de São Francisco são tomados como parâmetros para avaliar fidelidade e infidelidade à "boa nova": fatos e comportamentos "do passado" se justificam em relação aos *problemas* "do presente", dos quais deveriam oferecer a solução. É necessário, porém, ler as fontes hagiográficas *à contraluz*, para colher delas a sua filigrana, ou então considerá-las como palimpsestos, buscando o *fato* sob as camadas de escrita que *voluntariamente* foram sobrepostas ali. Isso é o que se tira da "lição" de grandes historiadores como Giovanni Miccoli. Ele, então, mostrou a inanidade do método filológico-combinatório: quer dizer, pontuou como não seja lícito extrair partes heterogêneas das várias fontes e dos vários documentos para chegar a compor um *mosaico* artificial e enganador. A utilização da documentação, sobretudo hagiográfica, requer uma reflexão atenta e rigorosos procedimentos metodológicos, contextuais à operação exegética, a menos que se nivele superficialmente sobre a fonte individual e se a reproduza cegamente para atualizá-la. Impõe-se a necessidade de uma nítida distinção entre a fonte em si e seus conteúdos: veicular *santidade* não significa transmitir *fatos do passado*. O estudioso de história não pode deixar de lado o fato de que a *santidade* é sempre *atual*, ou seja, o fato que o hagiógrafo pretende é que a santidade seja sempre *contemporânea*: a escritura de santidade é projectual e o olhar hagiográfico sobre o passado não é retrospectivo, mas sim contemporâneo e prospectivo, isto é, refere-se ao presente e ao futuro; no momento se volta ao passado, enquanto *lugar da santidade* que deve ser operante no hoje e no amanhã. O *santo* revive na escritura do hagiógrafo: os homens ou as mulheres, já que os santos ou santas, são sempre *contemporâneos*; aliás a sua santidade os torna *eternamente* contemporâneos. O estudioso de história se encontra diante do paradoxo de personagens santos que são subtraídos hagiograficamente à dimensão "existencial", frágil e mutável, para serem colocados em um plano atemporal, sólido e imutável. Assim, o estudioso de história deve combater contra

a desistoricização e a desumanização de frade Francisco que, transformado em São Francisco, sai de sua competência, já que é o Francisco santo que se tornou ícone de mil usos, um personagem próprio do gênero literário transferido forçadamente para o plano da imaginação religiosa e folclórica.

***OPSIS**: Atualmente, em que consiste a produção italiana nesse campo de pesquisa*?
Grado Giovani Merlo: Em parte já respondi à pergunta ao tratar da questão precedente. Nos últimos decênios os estudos hagiográficos italianos, em geral, foram incrementados de maneira notável, segundo duas orientações principais: uma de inspiração cristão-religiosa, até mesmo mística, muito católica, que busca repropor as experiências do divino do passado, para ligá-las àquelas do presente, a fim de celebrar a Igreja "triunfante"; a outra, de inspiração "leiga", com interesses socioculturais, que tenta conhecer as sociedades através das manifestações do sagrado, ou seja, de todas as formas conexas com o sacrossanto. Grande estímulo derivou da relativamente recente inopinada "descoberta" dos *Acta sanctorum*, a grandiosa empresa editorial dos Bolandistas: o imenso material ali recolhido constitui uma mina em grande parte ainda a ser desfrutada. Duas contribuições demonstram isso: de Francisco Scorza Barcellona (*Les études hagiographiques au 20e siècle: bilan et perspectives*) e Sofia Boesch Gajano (*Des* Loca sanctorum *aux espaces de la sainteté: étapes de l'historiographie hagiographique*), publicado no volume centenário da <<Revue d'histoire ecclésiastique>> de 2000, dedicado a *Deux Mille ans d'histoire de l'Église*. A essas contribuições faço remissão para um conhecimento adequado sobre os estudos hagiográficos na Itália em relação à produção historiográfica dos outros países. Eu acrescentaria que muitos dos estudiosos italianos sentem viva a necessidade de um aprofundamento contínuo da reflexão metodológica e exegética e de um confronto com as disciplinas (sociológicas, antropológicas, literárias, lingüísticas) que podem oferecer contribuições cognoscitivas importantes: tudo radicado em um robusto fundamento filológico que não pode ser eliminado. Sem rigor filológico qualquer pesquisa logo se desfaz como uma bolha de sabão.

Catalão / Milão – Abril de 2012.

INTERVISTA A GRADO GIOVANNI MERLO[2].

... E la candela non sta mai ferma
si muove come la memoria
e anche il ragno sulla balaustra
ricama il quadro della sua storia
la ragnatela dei miei pensieri
prende tutto quello che arriva qua
ma tante volte ha troppi buchi
ed è tutta da rammendare... .
(Davide Bernasconi)

È con questi versi di Bernasconi, in arte Davide Van De Sfroos, che Grado Giovanni Merlo conclude il suo ***Nel nome di san Francesco. Storia dei frati minori e del francescanesimo sino agli inizi del XVI secolo***, pubblicato in Brasile nel 2005 dalla Editora Vozes. Il libro, uno dei primi approcci brasiliani all'opera di questo storico italiano, è diventato una lettura imprescindibile per chi studia il francescanesimo e temi affini. Il nostro interesse a conoscere il Prof. Merlo è cominciato con la lettura di questo testo, come parte dei dibattiti intrapresi durante l'elaborazione del progetto di ricerca: "*La costruzione dell'Immagine dei Santi: agiografia dei mendicanti del secolo XIII e dell'inizio del XIV*", il cui sviluppo ci ha dato la possibilità di ampliare i nostri orizzonti di discussione, introducendo nel panorama mondiale della ricerca i lavori brasiliani sul tema del Francescanesimo. È così che, con questa intervista che ora presentiamo, prendiamo contatto con una personalità singolare, che si mostra a noi soprattutto nella veste di storico, impegnato nel suo mestiere e nelle ricerche teorico-metodologiche che la professione gli impone.

Grado G.. Merlo è professore di Storia del cristianesimo all'Università degli Studi di Milano, dove dirige il Dipartamento di Studi Storici. Dal 1994 è presidente della Società Internazionale di Studi Francescani, con sede ad Assisi. Conosciuto a livello internazionale, ha al suo attivo molte pubblicazioni di Storia, Chiesa e Francescanesimo, molte delle quali tradotti in altre lingue. È soprattutto un pensatore, la cui preoccupazione rispetto alla storia – e alla memoria che questa genera – lo impegna a ricercare tra lacune, dubbi ed enigmi che lo portano al passato come un ragno alla ricerca

[2] Questa intervista fa parte delle attività proposte dal progetto di ricerca "La costruzione dell'Immagine dei Santi: agiografia mendicante del secolo XIII e dell'inizio del XIV", coordinato dalla Professoressa Teresinha M. Duarte e sviluppato presso l'Università Federale del Goiás – Sede di Catalão, dove siamo state invitate a partecipare in qualità di ricercatrici. L'intervista è stata anche pensata come parte dei celebrazioni per i 60 anni di lavoro di Grado G. Merlo e ringraziamo l'intervento di Marina Benedetti per la realizzazione di questo lavoro.

di una tela perfetta, sperando di trovare non la verità assoluta, bensì quella prodotta dagli uomini e dalle donne nel loro tempo e nei loro luoghi.

OPSIS. *Che cosa l'ha spinta a diventare uno storico e in particolare ad interessarsi di storia religiosa?*
Grado Giovanni Merlo: La domanda mi mette un po' in imbarazzo, perché non amo parlare di me stesso. Comunque, direi, sono diventato docente universitario per fortunate circostanze, che mi hanno portato a essere, più che uno storico, uno studioso del passato, un artigiano della ricerca documentaria: cosa che potrebbe rappresentare un modo sottile per "difendermi" dalla durezza del presente e dall'incertezza del futuro... Gli interessi di storia religiosa dipendono anch'essi da tanti fattori, contingenti e non: la città nell'estremo Occidente d'Italia, in cui sono nato, che si trova al vertice delle Valli piemontesi cosiddette Valdesi, dove vi è una secolare presenza di non conformismo religioso minoritario; la mia simpatia per quanti hanno cercato e cercano di dare un senso alla propria esistenza e di difendere la propria dignità di esseri umani, fino a essere disposti a mettere in giuoco la propria vita, siano essi cristiani o non; la curiosità intellettuale per il mistero delle esistenze degli uomini e delle donne; il piacere di lavorare su documenti e fonti, di giorno, negli archivi e nelle biblioteche e, di notte, nel mio studio; l'odore della carta e delle carte e dei libri antichi e moderni.

OPSIS*: Quali sono state le più importanti influenze intellettuali sul suo lavoro?*
Grado Giovani Merlo: Innanzitutto, la cultura classica, greca e romana, e le opere degli scrittori e degli artisti: in particolare, quelli italiani, studiati alle scuole superiori e attraverso letture personali, dettate dalla voglia di conoscere e di collegarmi con una tradizione culturale, che facevo (e faccio) coincidere con la cultura *tout court*. Mi piaceva frequentare la biblioteca della mia piccola città e scoprire grandi autori e testi, anche se non tralasciavo di giocare al calcio (certo, meno bene di un brasiliano!). Poi, nel 1964, mi sono iscritto al corso di laurea in Lettere classiche della Università di Torino: e in quella sede ho scoperto nuovi orizzonti, attraverso personalità di docenti/intellettuali di assoluto valore, quali l'italianista Giovanni Getto, il filosofo Luigi Pareyson, lo storico modernista Franco Venturi e, infine, il medievista Giovanni Tabacco. Tuttavia, la mia formazione è sempre oscillata tra quanto apprendevo dall'insegnamento di autentici Maestri e quanto via scoprivo personalmente, passando parecchie ore nelle biblioteche universitarie e percorrendo la molteplicità dei saggi e degli studi rintracciati nelle riviste di storia, letteratura, sociologia, filosofia, antropologia. Da giovane, ho letto molto, anche se i ricordi più vivi in me sono relativi ai poeti (che ho continuato a leggere sino a oggi): mi hanno sempre assai coinvolto Dante Alighieri e Giacomo Leopardi. In specifico, sul mio mestiere di stu-

dioso di storia hanno avuto, poi, molta influenza le opere di Marc Bloch, di George Duby e di Kurt-Victor Selge, oltre che quelle, tra gli storici italiani, di Elio Conti, di Ovidio Capitani e di Giovanni Miccoli. Un'attenzione tutta particolare ho prestato al pensiero "inusuale" di Gustavo Vinay, studioso di letteratura latina medievale e critico spregiudicato di ogni conformismo intellettuale. Oggi continuano ad agire in me, comunque, influenze culturali di personalità estranee alla ricerca storica, medievistica e non, quali, fra gli altri, lo scrittore russo Michail Bulgakov, lo scrittore italiano Francesco Biamonti, lo scrittore italo-francese Jean-Claude Izzo, il filosofo Elio Franzini. Ho ascoltato e ascolto con attenzione anche le "poesie in musica" dei cantautori, italiani e stranieri. Ho interiorizzato le opere d'arte di Lucio Fontana e di Alberto Burri.

***OPSIS**: Come è nato il suo interesse per Francesco d'Assisi e per il francescanesimo come tema di ricerca?*

Grado Giovani Merlo: Il tutto nasce nei primi anni ottanta del Novecento, quando mi venne richiesta una ricerca sui rapporti tra Francesco d'Assisi e gli "eretici" del suo tempo. Agli inizi è stato un avvicinamento dall'esterno, e poi mi sono messo a "girare intorno" a quella straordinaria figura di uomo del vangelo. Lo sviluppo della ricerca è stato lungo e difficile, trovandomi davanti l'ostacolo ingannatore di robustissimi stereotipi – si pensi alla risibile espressione che indica Francesco d'Assisi come «il più santo degli italiani, il più italiano dei santi» – e di non meno saldi interessi ideologico-religiosi (per esempio, la proclamazione di san Francesco patrono d'Italia del 1939!): stereotipi e interessi che ho dovuto smontare e sottoporre a critica serrata. Via ho acquisito conoscenze e consapevolezze, che mi hanno consentito di dire "qualcosa di nuovo" su Francesco e sui frati Minori. L'acquisizione più importante e recente sembra essere quella circa la "diversità religiosa nella continuità istituzionale" tra il francescanesimo di frate Francesco d'Assisi e il minoritismo dei frati Minori: l'uno di carattere subordinativo, l'altro di carattere dominativo. Il primo, frate Francesco, non voleva agire e intervenire affinché gli altri diventassero "cristiani migliori", affidandosi del tutto alla volontà divina; i secondi, i frati Minori, invece operavano attivamente nella società mediante un'azione pastorale che implicava scelte e prese di posizione sociali e politiche. Ne è derivata un'enorme diversità – tra francescanesimo e minoritismo – di collocazione sul piano soteriologico, ossia nel rapporto con la "storia della salvezza" e con la testimonianza cristiana: si sono prodotte metamorfosi impressionanti. L'indifeso «"girino" (frate Francesco)» si trasforma nell'aggressiva e non sempre gradevole «"rana" (Ordine dei frati Minori)».

***OPSIS**: Il Suo libro* En nome de são Francisco. História dos Frades Menores e do franciscanismo até inícios do século XVI *è stato tradotto in varie lingue, compreso il portoghese, ed è, senza dubbio, un punto di riferimento obbligatorio per chi si occupa di francescanesimo. Come è stata l'esperienza di ricerca e di elaborazione del libro?*

Grado Giovani Merlo: La ricerca e l'elaborazione sono state lunghe e faticose. Il mio intento era di offrire a *qualsiasi* lettore – e non soltanto agli specialisti – un'opera che informasse e, al tempo stesso, costringesse a pensare: senza trovare facili soluzioni e scorciatoie a problemi complessi e difficili, senza cadere in una trattazione giustificativa e consolatoria, o peggio apologetica. Sono convinto che il passato non sia riducibile e sottoponibile a schemi semplificatori, né a razionalizzazioni a posteriori e a strumentalizzazioni attualizzanti. Nel lavoro di studioso di storia necessitano sia il distacco sia il rispetto e l'empatia nei confronti dell'oggetto e dei temi che si stanno analizzando. Nella scrittura, poi, non ci si deve abbandonare al fascino ingannatore della narrazione, quasi si trattasse di comporre un romanzo "storico". Il passato non è un romanzo, ma un problema, un enigma. Lo studioso di storia non è neppure un cronista, che a distanza ri-racconta una successione più o meno ravvicinata e occasionale di episodi. Lo studioso di storia compie un'operazione intellettuale assai articolata e impegnativa per *conoscere* e *far conoscere* quanto la documentazione sopravvissuta permette di *sapere* del passato*:* nella tensione verso la *verità:* nella piena coscienza che essa mai sarà raggiunta, benché sempre e ostinatamente inseguita. Prima di tutto lo studioso di storia deve porsi delle domande: e le domande devono essere *giuste*, perché le *domande giuste* già contengono parte delle risposte possibili in vista della verità. Affrontare la vicenda di frate Francesco d'Assisi e dell'Ordine dei frati Minori (nel corso di circa tre secoli) mi ha costretto a una continua e assidua riflessione sulle direzioni di ricerca che stavo via prendendo. Ho evitato in modo deciso di seguire percorsi predeterminati, scontati, acritici. Mi sono soffermato in maniera attenta sulle parole e sui concetti da utilizzare.

***OPSIS**: Professore, ci potrebbe parlare della produzione della conoscenza storica a partire dall'agiografia come, per esempio, dalla Leggende e dalle Vite di san Francesco d'Assisi?*

Grado Giovani Merlo: La domanda è centrale per affrontare una qualsiasi analisi della vicenda di frate Francesco. Il punto di partenza sembrerebbe essere il dato che le fonti agiografiche "francescane" sono state scritte dopo la canonizzazione pontificia di frate Francesco: riguardano un *santo.* Esse non hanno un carattere deduttivo, bensì induttivo: vale a dire esse confermano e raccontano una *santità,* non ne portano le prove *fattuali.* La santità canonizzata non doveva essere dimostrata: doveva essere descritta

secondo i caratteri suoi propri, una volta che il papato aveva stabilito che un uomo o una donna era da ritenersi santo o santa. Allora, la concretezza dell'esperienza "vissuta", religiosa e umana, di frate Francesco subisce una trasfigurazione attraverso la scrittura letteraria. Nelle Leggende e nelle Vite gli *episodi* che hanno al centro san Francesco sono narrazioni di *qualcosa* che da quell'esperienza "vissuta", religiosa e umana, si staccano per essere proiettati nel *cielo della santità*. Così, agiograficamente, Francesco è sempre meno *uomo* e sempre più *santo:* diviene cioè un modello, un archetipo, una fascinosa astrazione, un personaggio edenico. Tuttavia, le fonti agiografiche – data la loro particolare natura in riferimento a san Francesco, il cui ricordo è sempre al centro dei contrasti operanti all'interno dell'Ordine dei frati Minori – possono trasmettere contenuti *fattuali,* sia pur in modo frammentario e, talvolta, in maniera simbolica: i *comportamenti* di san Francesco sono assunti come parametri per valutare fedeltà e infedeltà alla "buona novella": *fatti* e *comportamenti* "del passato" si giustificano in relazione ai *problemi* "del presente", di cui dovrebbero offrire la soluzione. Occorre perciò leggere le fonti agiografiche *in controluce,* per coglierne la filigrana, oppure considerarle come palinsesti, cercando il *fatto* sotto gli strati di scrittura che *volontariamente* vi sono stati sovrapposti. Questo è quanto si ricava dalla "lezione" di grandi storici quali un Giovanni Miccoli. Egli ancora ha mostrato l'inanità del metodo filologico-combinatorio: vale a dire, ha indicato come non sia lecito estrarre *tessere* eterogenee dalle varie fonti e dai vari documenti per arrivare a comporre un *mosaico* artificiale e ingannevole. L'utilizzazione della documentazione, soprattutto agiografica, richiede un'attenta riflessione e rigorosi procedimenti metodologici, contestuali all'operazione esegetica, a meno che ci si appiattisca superficialmente sulla singola fonte e la si riproduca pedissequamente per attualizzarla. Si impone la necessità di una netta distinzione tra la fonte in sé e i suoi contenuti: veicolare *santità* non significa trasmettere *fatti del passato.* Lo studioso di storia non può trascurare il fatto che la *santità* è sempre *attuale,* ovvero il fatto che l'agiografo pretende che la santità sia sempre *contemporanea:* la scrittura di santità è progettuale e lo sguardo agiografico sul passato non è retrospettivo, bensì contemporaneo e prospettico, riguarda cioè il presente e il futuro; in tanto si rivolge al passato, in quanto *luogo della santità* che deve essere operante nell'oggi e nel domani. Il *santo* rivive nella scrittura dell'agiografo: gli uomini o le donne, poiché santi o sante, sono sempre *contemporanei;* anzi la loro santità li rende *eternamente* contemporanei. Lo studioso di storia si trova davanti al paradosso di *personaggi santi* che vengono sottratti *agiograficamente* alla dimensione "esistenziale", fragile e mutevole, per essere collocati su un piano atemporale, saldo e immutabile. Così lo studioso di storia deve combattere contro la destoricizzazione e la deumanizzazione di frate Francesco che, trasformato in san Francesco, esce dalla sua competenza, poiché è

il *Francesco santo* diventato una icona dai mille usi, un personaggio proprio del genere letterario trasferito artatamente sul piano della immaginazione religiosa e folklorica.

***OPSIS**: Attualmente in che cosa consiste la produzione italiana in questo campo di ricerca?*

Grado Giovani Merlo: In parte ho già riposto trattando della domanda precedente. Negli ultimi decenni gli studi agiografici italiani, in generale, hanno avuto notevole incremento, secondo due orientamenti principali: l'uno di ispirazione cristiano-religiosa, persino mistica, molto cattolica, che cerca di riproporre le *esperienze del divino* del passato per collegarle con quelle del presente, al fine di celebrare la Chiesa "trionfante"; l'altro di ispirazione "laica", con interessi socio-culturali, che tenta di *conoscere* le società attraverso le manifestazioni del sacro, ovvero di tutte le *forme* connesse con il sacro-santo. Grande stimolo è derivato dalla relativamente recente, inopinata "scoperta" degli *Acta sanctorum,* la grandiosa impresa editoriale dei Bollandisti: l'immenso materiale ivi raccolto costituisce una *miniera* in gran parte ancora da sfruttare. Lo dimostrano i due contributi di Francesco Scorza Barcellona (*Les études hagiographiques au 20e siècle: bilan et perspectives)* e Sofia Boesch Gajano (*Des* Loca sanctorum *aux espaces de la sainteté: étapes de l'historiographie hagiographique*), pubblicato nel volume centenario della «Revue d'histoire ecclésiastique» del 2000, dedicato a *Deux mille ans d'histoire de l'Église*. A questi contributi rinvio per una conoscenza adeguata sugli studi agiografici in Italia in rapporto con la produzione storiografica degli altri paesi. Aggiungerei che molti degli studiosi italiani sentono viva la necessità di un continuo approfondimento della riflessione metodologica ed esegetica e di un confronto con le discipline (sociologiche, antropologiche, letterarie, linguistiche) che possono offrire contributi conoscitivi importanti: il tutto radicato in un robusto e ineliminabile fondamento filologico. Senza rigore filologico ogni ricerca presto si scioglie come una bolla di sapone.

Catalão / Milano – Abril de 2012.